Pesquisa SINTESP sobre formação profissional

O SINTESP, por intermédio de sua diretoria de Formação Profissional, sob a gestão da diretora Tânia Angelina dos Santos, juntamente com a diretoria de Comunicação Digital, pelo seu diretor Adonai Ribeiro, elaborou e veiculou no Portal SINTESP pesquisa de formação profissional, dirigida aos profissionais técnicos de segurança do trabalho do estado de São Paulo, base territorial abrangida pelo Sindicato.

A pesquisa ficou disponível no Portal SINTESP de 12 de agosto de 2015 a 21 de janeiro de 2016 e atenderam ao chamado 649 profissionais, distribuídos em 491 homens e 139 mulheres, com idade das mais variadas, conforme tabelas 1 e 2.

O objetivo central da pesquisa foi o de criar subsídios para discussões sobre a qualidade do ensino da formação profissional e a criação de um currículo escolar que melhor atenda aos anseios da categoria e das necessidades relacionadas à formação profissional, frente aos desafios atuais.

Tabela 1 - Sexo		
Feminino	139	21,42%
Masculino	491	75,65%
Não informado	19	2,93%

Tabela 2 - Idade		
21 a 25	65	10,02%
26 a 30	121	18,64%
31 a 40	273	42,06%
41 a 50	127	19,57%
Mais de 50	57	8,78%
Não informado	6	0,92%

Dentre os pesquisados, 53% declararam ser associados do Sindicato, enquanto que 45,45% informaram não pertencerem ao quadro associativo do Sindicato. Não responderam a essa pergunta 1,54% (tabela 3).

Tabela 3 - Sócios do SINTESP		
Sim	344	53,00%
Não	295	45,45%
Não informado	10	1,54%

A pesquisa considerou o tempo de formação dos profissionais, com destaque para os formados até 5 anos que atingiu o percentual de 54,54%, considerando as faixas de até 2 anos e a de 2 a 5 anos, enquanto que, os formados há mais de 5 anos totalizaram 43,06%, considerando as faixas de 6 a 10 e a de mais de 10 anos de formação. Vide tabela 5.

Diversas hipóteses podem ser levantadas neste caso, considerando aqui quatro possibilidades: na primeira, observou-se que os profissionais com maior tempo de formação foram os que pouco responderam ao quesito "descreva um tema que considera importante (e não teve) na sua formação", possivelmente pelo maior tempo de atuação na área, que certamente reflete em proficiência adquirida; na segunda, o fato pode ter se dado pelo reflexo do avanço da SST nos ambientes de trabalho; na terceira, a possível consequência da necessidade do mercado de trabalho; e, na quarta e última, os motivos podem estar atrelados a um retrato de uma profissão em ascensão. Respeitando e se estudando todas as possibilidades, buscaremos alternativas para a tomada de medidas voltadas a uma formação sólida que reflita os interesses de todos os segmentos.

Tabela 5 Está formado há quanto tempo?		
Até 2 anos	153	23,57%
2 a 5 anos	201	30,97%
6 a 10 anos	149	22,96%
Mais de 10 anos	135	20,80%
Não informado	11	1,69%

Outro item perguntado na pesquisa, que consideramos de grande importância, foi o relacionado à atuação do profissional, com o intuito de saber se exerce ou não a profissão, e se não conseguiu colocação no mercado de trabalho (tabela 6).

Segundo os pesquisados, 16,95% não conseguiram colocação para atuarem como técnico de segurança do trabalho, enquanto a maioria (72,42%) informou que exerce a profissão.

Tabela 6 - Atua como técnico de segurança do trabalho?		
Sim, exerço a profissão	470	72,42%
Não exerço a profissão	59	9,09%
Não consegui colocação	110	16,95%
Não informado	10	1,54%

Perguntamos em nossa pesquisa o nome e o endereço da unidade escolar onde o pesquisado obteve sua formação.

Contudo, tais informações não serão retratadas neste trabalho, pois tiveram cunho informativo interno, visando um trabalho de mapeamento e condensação de informação para aprimorar o perfil do currículo escolar, alvo desta pesquisa.

Observa-se ainda, que a formação, apesar de a pesquisa ser difundida no estado de São Paulo, foi evidenciada na maioria dos estados da Federação (vide considerações finais). Quanto à modalidade do curso de formação, os profissionais informaram que, na grande maioria (95,69%), concluiu sua formação em cursos presenciais, restando percentuais abaixo de 1% para os itens à distância (EaD) e semipresenciais. Não responderam a esta questão 3,39% dos pesquisados.

A pesquisa informa também que a grande maioria (71,96%) dos profissionais estudou em escola da rede particular (tabelas 7 e 8).

Tabela 7 - Modalidade do curso		
Presencial	621	95,69%
A distância	4	0,62%
Semipresencial	2	0,31%
Não informado	22	3,39%

Tabela 8 - Escola		
Privada	467	71,96%
Pública	157	24,19%
Não informado	25	3,85%

Um dos grandes problemas atuais que estudantes têm encontrado é a dificuldade em se conseguir estágio, fato percebido através dos contatos no dia a dia, onde se verifica a busca constante por este tipo de procedimento.

E, ao perguntarmos sobre esta questão, 59,78% dos pesquisados (tabela 9) responderam que fizeram estágio, enquanto que 36,06% não fizeram. Vale observar que algumas escolas aboliram a obrigatoriedade do estágio.

Tabela 9 - Fez estágio?		
Sim	388	59,78%
Não	234	36,06%
Não informado	27	4,16%

Já quanto à exigência do trabalho de conclusão de curso – TCC, a grande maioria (73,19%) respondeu informando que fizeram este tipo de atividade (tabelas 10 e 11). Em relação aos trabalhos complementares, número ainda maior (79,82%) informou que cumpriram exigências em questão. Veja detalhes sobre em considerações finais sob o título Importância do Estágio x dificuldades.

Tabela 10 - Foi exigido TCC?		
Sim	475	73,19%
Não	142	21,88%
Não informado	32	4,93%

Tabela 11 - Elaborou trabalhos complementares?		
Sim	518	79,82%
Não	102	15,72%
Não informado	29	4,47%

Sabemos de antemão, que a prática é verdadeiramente indispensável na formação, independente da profissão escolhida e perguntamos aos pesquisados sobre aulas práticas que tiveram ao longo de sua formação. Observa-se, conforme tabela 12, que a maioria (80,89%) declarou ter participado de aulas de combate a incêndio e, quanto à disciplinas higiene ocupacional e suporte básico à vida, os números ficaram praticamente empatados em quase 68%, seguido de informática que ficou em 60,25%.

Neste quesito podemos destacar também, que a Higiene Ocupacional contemplada por 67,64% dos pesquisados, segundo estudo da pesquisa, foi a disciplina mais mencionada quando perguntamos "Descreva um tema que considera importante (e não teve) na sua formação", o que pode configurar vários significados, haja vista, ser realmente um tema de relevante importância para a formação do técnico de segurança do trabalho, ou que, quando ministrado em algumas escolas, não são oferecidos com a qualidade desejado e, em diversos casos, a disciplina é ministrada apenas na teoria, não havendo laboratório, outra reclamação por parte a categoria.

Os pesquisados informaram ainda, que a maioria (67, 03%) considerou adequada a estrutura oferecida para aulas práticas (tabela 13).

Tabela 12 - Informe as aulas práticas que cursou		
Informática	391	60,25%
Combate a incêndio	525	80,89%
Higiene Ocupacional	439	67,64%
Suporte básico à vida	440	67,80%
Não houve aulas práticas	61	9,40%
Não informaram	13	2,00%

Tabela 13 - Considerou adequada a estrutura oferecida para aulas práticas?		
Sim	435	67,03%
Não	153	23,57%
Não sei informar	25	3,85%
Não responderam	36	5,55%

Com relação à qualidade dos cursos as opiniões variaram consideravelmente, sendo que 51,16% consideraram bom, e apenas 3,24% informaram o grau de satisfação ruim na sua formação, em contrapartida, os cursos rotulados sob o nível ótimo ficou mensurado em 26,96%. Ainda no tocante à qualidade, 61,48% declarou que considera que o aprendizado foi suficiente para atuar na profissão. (vide tabelas 14 e 15).

Tabela 14 - Grau de satisfação que atribui ao curso		
Ruim	21	3,24%
Regular	109	16,80%
Bom	332	51,16%
Ótimo	175	26,96%
Não informado	12	1,85%

Tabela 15 - Considera que o aprendizado foi suficiente para atuar na profissão?		
Sim	399	61,48%
Não	234	36,06%
Não sei informar	16	2,47%
Não responderam	0	0,00%

Contextualizando as informações constantes da tabela 15, a grande maioria dos pesquisados (95,22%) informou que considera importante fazer uma especialização técnica para complementar a formação. Somados os campos de respostas daqueles que não pensam deste modo, não souberam informar, ou deixaram em branco este quesito, tivemos apenas 4,83%.

Tabela 16 - Considera importante fazer uma especialização técnica?		
Sim	618	95,22%
Não	14	2,16%
Não sei informar	3	0,46%
Não responderam	14	2,16%

O estudo concluiu à luz das opiniões dos participantes, que – de fato – a formação requer uma complementação. Relatamos que ao perguntarmos se após a conclusão do curso de formação, consideraram que faltou algum tema no aprendizado, 54,24% dos profissionais informaram que sim, com alguma dúvida, devido ao fato de que, 15,41% não souberam informar ou deixaram de responder (tabela 17).

Tabela 17 - Considera que após a conclusão do curso, faltou algum tema no aprendizado?		
Sim	352	54,24%
Não	197	30,35%
Não sei informar	79	12,17%
Não responderam	21	3,24%

Vale esclarecer que, ao pedirmos aos participantes para que descrevessem um tema que considera importante - e não teve - na sua formação, diversos profissionais citaram títulos relacionados com formações especificas a exemplo de APH (atendimento pré-hospitalar), logística, AutoCad, trabalho portuário, riscos na construção Civil, Pcmat, riscos em metalúrgicas, riscos em indústrias químicas, AVCB, elaboração de PPP, entre outros, que consideramos importantes sim, mas, que são muitas vezes, específicos de determinados ramos de atividade, ou que não estão ligados diretamente às funções do Técnico de Segurança do Trabalho. Assim, se justifica a inúmera quantidade de ofertas de curso de aperfeiçoamento e complementação propostas pelo mercado para atender esta carência. Contudo, assim como muitas escolas técnicas não oferecem cursos satisfatórios para a formação do

TST, muitos cursos pós-formação, que deveriam suprir as necessidades dos profissionais formados, também podem carregar deficiências se não compreenderem, em suas respectivas cargas horárias, uma proposta de conteúdo conveniente, com real propensão à complementação da formação (vide Cursos e Eventos no portal do SINTESP).

Quanto aos temas mais específicos, ligados a determinados ramos de atividade, a exemplo de Riscos na construção civil, Pcmat, riscos em metalúrgicas, riscos com indústrias químicas, entre outros, a opção seria uma qualificação específica (pós-formação) que oportunizasse a atuar com melhores perspectivas em determinados ramos. Seriam cursos voltados à especialização em construção civil, em metalúrgicas, em galvânicas, em hotelaria, em hospitais e casas de saúde, em indústria química, em transporte rodoviário, em atividades portuárias, entre outras. É bem verdade que o mercado carece ainda deste tipo de formação, mas, existem estudos de algumas entidades para se implantar este tipo de atividade formativa. Veja na tabela 18, os principais temas apontados pelos pesquisados. Temas informados em menores quantidades foram incluídos no item outros.

Tabela 18 – Principais temas ausentes na formação

Comunicação
- Relacionamento interpessoal
- Gestão de pessoas (e temas correlatos)
- Didática para treinamentos
- Inclusão de pessoas com deficiência

Legislação, normas, e certificações
- Legislação / (Trab./Previdenciária) Civil/Criminal
- Ênfase nas NRs (diversas citadas) / ISOs

Rotinas da atuação
- Estudo de casos / Vivência de campo
- Realidade da prevenção (ênfase)
- PPRA (especificamente) / Progrs. de prevenção
- Perícias trabalhistas / Assistência técnica
- Gestão de SST / Gestão integrada / OHSAS 18001
- Higiene ocupacional (com laboratório)

Complementares e de especialização
- Ergonomia
- Segurança com máquinas e equipamentos
- Meio Ambiente / Sustentabilidade
- Prevenção e Combate a Fogo e temas ligados

Complementares / diferenciais
- Idiomas (inglês)
- Informática / Técnicas de redação

Outros
- Diversos adiante relacionados (*página 9*)

Considerações finais

Contribuição do estudo

Conforme observamos no início deste trabalho, dentre os objetivos desta pesquisa, a finalidade principal é a de estudar e criar subsídios para discussões futuras sobre a qualidade do ensino, aprendizagem para a formação profissional do Técnico de Segurança do Trabalho, discutir a necessidade da atualização de um currículo escolar que melhor atenda aos anseios da categoria e das necessidades relacionadas à formação profissional, frente às necessidades atuais, observadas as tendências organizacionais, os trabalhadores no mundo do trabalho, os avanços tecnológicos, e ainda, dentro dos objetivos, poder auxiliar no desenvolvimento de um perfil para a formação complementar.

Desta forma, iniciamos os primeiros passos deste trabalho, utilizando a audiência do portal SINTESP e as ferramentas da comunicação digital, com foco nos técnicos de segurança do trabalho no estado de São Paulo.

Sobre a pesquisa

Observou-se que, entre os temas citados foram mencionados diversos que fazem parte da grade curricular convencional dos cursos de formação do técnico de segurança do trabalho. No entanto, ao serem citados como temas que faltaram nos cursos de formação, causou preocupação.

Contudo, a pesquisa não apura se a falta do tema é apontada pela real ausência do assunto durante o curso, ou se por uma abordagem insuficiente em termos de didática pedagógica. A pesquisa, neste quesito, pretendeu elencar – dos profissionais – novos temas que ainda não compusessem o conteúdo básico da grade curricular, e que pudessem ser inclusos posteriormente em novos projetos pedagógicos a serem desenvolvidos.

Entretanto, grande foi a surpresa ao ver tantos temas basilares do curso de TST apontados como temas ausentes, pelos profissionais pesquisados. Integrando essas disciplinas, temos, por exemplo, certas NRs como a 5, 12, 18, 33, 35, e outras.

Tal fato ressalta com veemência a necessidade de se instituir uma base curricular capaz de impedir a ausência de temas fundamentais para o exercício e o progresso da atuação do Técnico de Segurança do Trabalho.

Ainda neste assunto, pontuamos diversas citações desta ordem, e a agrupamos para melhor entendimento.

Podemos citar casos de citações como as de “mediação de conflitos”, “trabalho em equipe”, “relações interpessoais” e outros temas, que incorporamos na Gestão de pessoas, mas, poderão também ser discutidos em Comunicação.

As citações de “formas de atendimento”, “como falar com as pessoas”, “técnicas de negociação”, também incluímos em Comunicação.

As mencionadas como “Técnicas de treinamento”, “Técnicas de apresentação” e outras, com mesmo sentido, foram incorporadas em Didática para treinamentos, para melhor compreensão do tema na pesquisa. Tais conteúdos poderão ser inclusos também em Comunicação.

“Gestão - OHSAS 18001”, “Gestão integrada”, etc, integram o item Gestão de SST.

Termos como “elaboração prática”, “visitas técnicas”, “visitas a empresas”, “atividades de vivência”, e outros, consideramos e agrupamos em Vivência de campo.

Já o termo “aulas práticas” deixamos de forma isolada, entendendo que se referiram a atividades práticas específicas em sala de aula ou ambientes externos, podendo ser em laboratório interno de higiene ocupacional, em sala de aula de primeiros socorros, em campos de treinamento de combate ao fogo, resgate, emergências, etc.

Gerenciamento de Resíduos, entre outras citações, consideramos dentro da disciplina Meio Ambiente. E, para efeito de mensuração mencionamos Sustentabilidade de forma isolada.

As citações de “Responsabilidade Civil e Criminal” foram incorporadas em Legislação que já aborda a trabalhista, a previdenciária e a complementar.

Em Perícias trabalhistas foram incluídas outras citações similares como “Assistência Técnica”

As citações em menor número ou únicas como “Espaço confinado”, ”Trabalhos em Altura”, “Ética”, “Psicologia”, “Responsabilidades”, “Empreendedorismo”, “Prevenção da vida”, “CIPA”, “Serviço Público”, “Estágio”, “Gestão administrativa”, “Gestão da qualidade”, “Mercado de Trabalho”, “Investigação e análise de acidentes”, “Como tirar o AVCB”, “Apresentação e Uso de EPI”, “Homologação de EPIs”, “Nanotecnologia“, “Perícias Insalubridade”, “Ética profissional”, “Layout”, “AutoCad e desenho técnico”, “PPRPS”, “Desenho técnico”, “Estatística”, “Avaliações Ambientais”, “Produtos Químicos”, “Benchmarking”, “Formulação de documentos”, “Relatórios de inspeção”, “FAP”, “Direitos e Deveres”, “Multas e Fiscalização”, “Um perfil de conduta”, “Adequação a função”, “Micro e pequena empresa”, “simulações administrativas”, “Procedimentos no chão de fábrica”, “Percepção de Risco”, “Sistemas de gerenciamento”, “Libras”, etc, foram incluídos no item Outros.

Importância do Estágio x dificuldades

O estágio profissional para o Técnico de Segurança do Trabalho é fator importante para a formação profissional. Por meio do estágio, o futuro profissional tem a oportunidade de conhecer e interagir – na prática – com atividades que farão parte do seu dia a dia, refletir e compreender melhor as relações do trabalho, os desafios frente à realidade que marcarão sua atuação, potencializando sua capacidade de ação e criatividade, associando os conteúdos apresentados em aula com a rotina da

profissão que irá ingressar. Sabemos que o estágio tem a função de articular teoria e prática, permitindo que o futuro profissional se integre e entenda de forma definitiva, os conceitos que fizeram parte do aprendizado teórico.

Contudo, sabemos que na prática, muitas vezes as coisas não acontecem do modo que deveriam. E, conforme já exposto neste trabalho, sabemos as dificuldades de os estudantes em conseguirem bolsas de estágio. Além disso, muitas empresas concordam com a prática da atividade para algumas profissões, buscando "benefícios" de interesse próprio, colocando pessoas no ambiente de trabalho, com propósitos de baratearem a mão de obra, na pura concepção do trabalho, sem a preocupação com o crescimento educacional e profissional do estagiário. Sob esta condição podemos citar "vantagens" como salários mais baratos, economias com encargos trabalhistas, INSS, PIS, férias, 13º salários, FGTS, etc, facilidades para a contratação e dispensa, entre outras questões. Certamente estagiários que ingressam neste tipo de organização, não desenvolverão atividades que contribuam - de fato - para a complementação da sua formação.

Preocupadas com esta situação, algumas organizações educacionais vem projetando mudanças conceituais na expectativa de buscar alternativas que facilitem a vida do estudante, fornecendo uma educação adequada e de qualidade, isenta dessas dificuldades ora relatadas. Tratam-se de projetos de trabalhos práticos, desenvolvidos ao longo dos módulos, oficinas de trabalho, que se transformarão em um TCC diferenciado, produzido por atividades práticas elaboradas em campo, que substituiriam o estágio no formato atual.

Sob um estudo mais detalhado, com base nos dados da pesquisa feita pelo SINTESP, pudemos verificar diferenças sensíveis em relação à atuação dos profissionais que não fizeram estágio e exercem a profissão, que somam 60,68% dos pesquisados, enquanto que 57,04% não exercem a profissão ou declararam que não conseguiram colocação (tabela 19).

Tabela 19
Não fez estágio X Atuação como técnico

Sim, exerço a profissão	142	60,68%
Não exerço a profissão	32	13,68%
Não consegui colocação	57	24,36%
Não responderam	3	1,28%

Em contrapartida (tabela 20), o estudo mostra que, daqueles que fizeram estágio, a maioria (80,93%) exerce a profissão e aqueles que não exercem ou não conseguiram colocação, somam 18,81%, números bem inferiores que os da primeira situação.

Na tabela seguinte (tabela 21) mostra em percentuais a diferença entre os que fizeram e não fizeram estágio.

Tabela 20 Fez estágio X Atuação como técnico		
Sim, exerço a profissão	314	80,93%
Não exerço a profissão	25	6,44%
Não consegui colocação	48	12,37%
Não responderam	1	0,26%

Tabela 21 Comparativo – Fizeram estágio		
Situação no mercado	SIM	NÃO
Exerce a profissão	80,93%	60,68%
Não exerce a profissão	6,44%	13,68%
Não conseguiu colocação	12,37%	24,36%
Não responderam	0,26%	1,28%

21/janeiro/2016

Colaboraram neste trabalho

Tânia Angelina dos Santos
diretora de Formação Profissional SINTESP
Adonai Ribeiro
diretor de Comunicação Digital SINTESP
Bruno de Oliveira
Téc. Seg. Trab. DSST / Sind. Met. SP e Mogi